

Bolsonaro reúne milhares, nega golpes e pede pacificação

Bolsonaro reúne milhares, nega trama golpista e pede pacificação e anistia no 8/1

Na avenida Paulista, ex-presidente critica penas pelos ataques aos Três Poderes e aponta 'abuso' de alguns, mas sem citar o Supremo



Silas Malafaia, Jair Bolsonaro e Michelle em ato na avenida Paulista, em SP. Danilo Villa/Folhapress

Ana Luiza Albuquerque, Artur Rodrigues e Fábio Zanini

SÃO PAULO Acusado diante de investigações em torno de uma trama golpista, o ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) reuniu milhares de apoiadores neste domingo (25) na avenida Paulista, em São Paulo, e fez um discurso no qual manejou a combalida agressividade contra o STF (Supremo Tribunal Federal), disse buscar a pacificação do país e pediu anistia aos presos pelo ataque golpista de 8 de janeiro de 2023.

Alongando sua fala, toda de improviso, o ex-presidente também reclamou do TSE (Tribunal Superior Eleitoral) por estar indelegível, crítico ao STF pelas penas impostas aos que participaram dos ataques de 8 de janeiro, agradeceu aos presentes, lembrou da facada que sofreu e fez um balanço de seu governo.

Bolsonaro também reclamou do "abuso por parte de alguns que tramam a insegurança para todos nós".

O ex-presidente fez ataques ao presidente Lula (PT), sem citar o petista, disse que tem levado "pancadas" e falou em "perseguição" imposta contra ele, especialmente após ter deixado a Presidência. Nesse momento, criticou a imprensa em geral e disse que jamais participou de uma trama golpista em 2023.

"O que é golpe? É tanque na rua, é arma, conspiração. Nada disso foi feito no Brasil", disse. "Agora o golpe é porque tem uma minuta do decreto de estado de defesa. Golpe usando a Constituição? Também pacificação", disse o ex-presidente, ao admitir a existência de um texto nessa linha.

A investigação da Polícia Federal que mira Bolsonaro tem como uma de suas bases mensagens de delação do tenente-coronel Mauro Cid, ex-ajudante de ordens de Bolsonaro na Presidência da República.

Outros elementos ainda em fase de investigação são a reunião de teos golpista na qual, em julho de 2023, o então pre-

“O que é golpe? É tanque na rua, é arma, conspiração. Nada disso foi feito no Brasil”

Jair Bolsonaro ex-presidente, em ato na av. Paulista

sidente sugere formas para atacar o sistema eleitoral e, já após a eleição, o papel dele na elaboração de uma suposta minuta de decreto na qual seria fundamentado o golpe de Estado.

Fora esses pontos que vieram à tona em recente operação da PF, Bolsonaro menciona uma série de evidências anteriores de tom golpista. O ex-presidente foi condenado pelo TSE por ataques e mentiras sobre o sistema eleitoral, por exemplo, e falou de diferentes outras investigações no STF. Nesse momento, ele está indelegível ao menos até 2030.

Oito deste domingo armaram milhares de pessoas. Ao menos quatro quartéis da Paulista ficaram superlotados. Havia bolsonaristas, mais espalhados, em cerca de dez quarteirões da avenida.

A Secretaria da Segurança Pública do governo Tarcsio de Freitas (Republicanos) e a Polícia Militar, subordinada à pasta, bateram cabeça sobre a estrutura de público.

Ao fim do dia, o secretário Guilherme Derrite, bolsonarista, postou que 750 mil pessoas estiveram no protesto.

A PM não costumava mensurar o público nesse tipo de evento, o que foi reiterado pela assessoria de imprensa da pasta no início da tarde.

As 9h, oficial de plantão na sala de imprensa da PM reiterou o informado. A reportagem, então, procurou mais uma vez a secretaria, que afirmou que o ato teve aproximadamente 600 mil pessoas na avenida, e 750 mil contando público das ruas adjacentes.

O número de 750 mil era justamente o que a organização do ato dizia aguardar.

Bolsonaro, protegido por colete à prova de balas e escudos posicionados por seus segurancas, fez a sua declaração ao público em cima de um trio elétrico ao lado de aliados como Tarcsio, a ex-primeira-dama Michelle Bolsonaro, o pastor Silas Malafaia e o prefeito de São Paulo, Ricardo Nunes (MDB), que buscou o apoio do ex-presidente para as eleições deste ano.

Também estiveram no ato os governadores Romeu Zema (Minas Gerais), Jorginho Mello (Santa Catarina) e Ronaldo Galvão (Goiás) — todos aliados que disputaram o espólio eleitoral de Bolsonaro.

Valdemar Costa Neto, presidente nacional do PL, também alvo da PF sobre a trama golpista, esteve horas antes na Paulista e fez apenas uma rápida saudação ao público, segundo decisão do STF, ele e Bolsonaro não podem comparecer durante as investigações.

Coube a Malafaia o discurso mais duro da tarde. Ele fez críticas ao STF, ao TSE e à atuação do ministro Alexandre de Moraes durante as eleições de 2022, além de ter feito insinuações sem provas sobre um suposto papel do presidente Lula no ataque de 8 de janeiro, organizado por bolsonaristas em 2023.

Malafaia foi o principal organizador do ato. Ele não é investigado pela PF em torno da trama golpista. Tanto que ao final de sua fala fez uma provocação ao STF e disse não ter medo de ser preso.

O ato foi aberto com uma oração feita pela primeira-dama Michelle Bolsonaro. Entre os que também discursaram, estiveram Tarcsio, o senador Magno Malta (PL-ES) e os deputados Nícolas Ferreira (PL-MG) e Gustavo Gayer (PL-GO).

O prefeito Ricardo Nunes (MDB), candidato à reeleição em São Paulo, não discursou e ficou em uma posição discreta no canto de som.

Michelle foi a primeira a discursar. Ela chorou no início de sua fala, falou em sofrimento dos aliados de Bolsonaro e chamou todos de "povo de bem". Disse ainda que sua fé tem sido renovada diante do que chama de "injustiças" contra o seu marido.

Durante a manifestação, as bandeiras de Israel foram presentes. Item obrigatório entre os camelôs, a bandeira do país foi esvoaçada pelo ex-presidente no primeiro acesso ao público em cima do trio elétrico.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Folha de S. Paulo

Seção: Política Caderno: A Pagina: 4